

# Os media encenam os sentidos do anti-terrorismo em Beslan

Elson Rezende de Mello\*

## Índice

1	Introdução	1
2	Mito e mitologias	3
3	O mito se propaga a partir de Beslan	6
4	Madona na capa de Veja	9
5	Espectacularização da violência	10
6	Decifra-me ou te devoro	11
7	Referências bibliográficas	14

*“Mãe, guarda o teu filho no calor, o mundo é demasiado claro e demasiado frio, põe-no docemente debaixo do teu braço, muito perto do limiar do teu coração...”*  
(Brentano, citado por Gilbert Durand, em *As estruturas antropológicas do imaginário*)

## Resumo

O trabalho procura averiguar a construção do mito nos media. O objeto de análise foram os relatos do seqüestro de crianças em setembro de 2004 em uma escola de Beslan, cidade russa da Ossédia do Norte, realizado por separatistas chechenos, com um desenlace trágico. Verifica a instrumentalização de

---

\*Jornalista, mestre em Educação, professor no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: elsonmello@ig.com.br

imagens e acontecimentos como parte de estratégia ideológica e política, que, transcendendo seu uso intencional pelos chechenos e governo russo, organiza a cobertura jornalística. As narrativas mediáticas modernamente constroem os mitos, que preparam o indivíduo para a imersão na sociedade do mercado e do consumo. No rastro de Barthes, o mito em construção permite naturalizar uma ordem de medo e sobressalto baseada no combate ao terrorismo, como antes, no tempo da Guerra Fria, se assentava no anticomunismo, caracterizando uma transformação na discursividade dos media na transição para a hegemonia do capitalismo globalizado.

## 1 Introdução

O massacre ocorrido em uma escola de Beslan, cidadezinha russa da Ossétia do Norte, no começo de setembro de 2004, em que morreram em torno de 338 reféns, entre os quais 156 crianças, além de 31 dos seqüestradores, deixando mais de 700 feridos, foi destaque na imprensa mundial, como era de se esperar. Os chechenos irromperam na escola com bombas e metralhadoras, em mais um episódio de sua antiga luta separatista, e novamente toparam com a fria determinação de não negociar do presidente russo Vladimir

Putin, como já tinha feito dois anos antes, quando um comando dos separatistas capturou reféns num teatro de Moscou, com a mesma mortandade como resultado. Os separatistas chechenos realizaram o seqüestro para pressionar o governo russo, que imediatamente buscou caracterizá-los como terroristas<sup>1</sup>, para isso contando com a cobertura e cumplicidade dos media<sup>2</sup>.

Cenas violentas e de terror ganharam as telas das televisões, com transmissão ao vivo, encheram páginas da imprensa escrita e estiveram na internet desde o primeiro momento. Até a divulgação de um vídeo<sup>3</sup>, realizado pelos próprios seqüestradores no interior da escola, forneceu mais imagens para as narrativas que, intermediadas pelo aparato mediático, foram instrumentalizadas como parte de estratégia ideológica e política. O uso intencional das imagens e das narrativas, contudo, não ficou restrito aos seqüestradores chechenos, que detonaram o processo a partir de estratégias e intencionalidades po-

<sup>1</sup> Não é objetivo deste trabalho analisar o conteúdo político dos acontecimentos de Beslan e sim tentar deslindar como os media constroem significações sobre esses epifenômenos político-sociais na contemporaneidade globalizada do pós-11 de Setembro. Assim, evita-se caracterizar os chechenos como terroristas, um *part pris* que impediria desenvolver a abordagem proposta.

<sup>2</sup> Os media, em sua grande maioria e principalmente nos relatos noticiosos, com a exceção de colunas e artigos de especialistas, esforçaram-se minimamente em explicar os meandros políticos envolvidos na luta separatista dos chechenos. A cobertura aderiu ao olhar da ordem estabelecida e foi funcional aos interesses do presidente russo.

<sup>3</sup> Além da pressão e do medo que pretendesse gerar, o vídeo dos seqüestradores tinha o intuito de defender uma causa. Contudo, foi um elemento a mais incorporado pela gramática do poder e falado no discurso dos media.

líticas, e ao governo russo, mas organizaram a cobertura jornalística que repercutiu imagens e relatos aos quatro cantos do mundo globalizado. As imagens e narrativas de Beslan propiciaram a construção de mito e a apropriação de símbolos, de acordo com uma narratividade atual, noosfera mediática que justamente se constitui nos últimos tempos<sup>4</sup>, principalmente marcada pelo ambiente, diretrizes e agendamentos suscitados pelos atentados às torres gêmeas do World Trade Center em Nova York, EUA, também num setembro de 2001. Nesse sentido, é revelador que o presidente Putin tenha tratado o episódio como uma espécie de 11 de Setembro local, pretendendo, como fez o governo do presidente norte-americano George W. Bush no pós-atentados, sob o pretexto de implantar uma doutrina anti-terrorista, avançar sobre direitos civis e ocupar espaços políticos<sup>5</sup>.

As imagens da tragédia, ao percorrerem instantaneamente o mundo, se desgarravam de sua realidade, de seu referente mais imediato, e se projetavam simbolicamente no

<sup>4</sup> Os media definem a esfera pública mundial, como constata Eugênio Bucci, que levanta como hipótese que a “função desse espaço público mundial instaurado pelo olhar das redes americanas é lançar as bases de uma legitimação também global para as ações políticas (...), precedendo-as no tempo e no espaço.” BUCCI, Eugênio. TV, mídia e espaço público mundial na guerra dos EUA contra Bin Laden, in BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na pólis: Ensaio sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 60.

<sup>5</sup> Como relatou a revista Carta Capital n.º 309, de 22 de setembro de 2004, o presidente Putin decidiu usar a tragédia como pretexto para implementar ainda mais o viés autoritário de seu governo, “para impor um pacote de medidas autoritárias que em nada contribuirão para afastar a ameaça terrorista, mas há muito estavam nos planos do grupo que representa”.

imaginário dos telespectadores, integrando-se ao que aí — principalmente depois do fatídico 11 de Setembro de 2001 — se forja em torno do conceito do terrorismo. Perdiam seus significados mais diretos e específicos para se transformarem em significantes que dariam suporte às significações que o poder quer, que até os seqüestradores chechenos quiseram e que não conseguiram controlar. Essa cadeia de significantes e significados que o grupo separatista buscou destapar, qual caixa de Pandora escapou de suas mãos e foi apropriada por outras forças de poder, identificadas no presidente Putin e contempladas nos interesses difusos de uma cruzada contra o terrorismo, forças que pregam o choque de civilizações, tendo à cabeça o presidente americano Bush. Essas forças estiveram sempre presentes nas transmissões das televisões e da cobertura dos media em geral mundo afora, sinalizando e demarcando o campo possível das interpretações. Os rebeldes chechenos desde o início estavam fadados à derrota. Para Putin, e o mundo ocidental, o desenlace fatal seria muito mais conveniente a seus propósitos. Mesmo que o final não fosse sangrento, o mito, contudo, seria construído, ainda que com outras formas<sup>6</sup>.

## 2 Mito e mitologias

Mas, o que é o mito, modernamente apropriado pelos media, geradores das mitologias de nosso tempo? A definição de dicioná-

<sup>6</sup> A produção do mito se insere nas engrenagens da acumulação de capital. O mito prepara para a mais-valia das significações, faz o caminho do valor de uso para o valor de troca, preparando para o consumo.

rio<sup>7</sup> rastreia sua origem no grego (*mythos*, fábula) e no latim (*mythu*), para significar narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos e também narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia, e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspectos da condição humana, entre outras tantas acepções. Devemos atentar para os termos *fábula*, *narrativa*, *significação simbólica* e *forças da natureza*. A maioria dos autores e pesquisadores<sup>8</sup> que se aproximou do mito como objeto de estudo e instrumental para analisar e entender a sociedade sempre o relacionou com a linguagem.

Malinowski acredita que o mito existe por força de profundas necessidades religiosas, vontades morais, submissões sociais, direitos e mesmo requisitos práticos<sup>9</sup>. Além disso, o mito salvaguarda e impõe a moralidade, reafirma a eficácia do ritual e contém normas práticas para orientação do homem. Para Lévi-Strauss, é uma modalidade de pensamento intelectual posto em ação pelo desejo de compreender o mundo, a natureza, a sociedade<sup>10</sup>.

Ernst Cassirer relata que para o filólogo alemão Max Muller o mito não é a transformação da história em lenda fabulosa, nem uma fábula aceita como histórica.

<sup>7</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

<sup>8</sup> Entre esses autores, podemos colocar, desde já, Ricouer, Mircea Eliade, Ernst Cassirer, Jean Baudrillard, Michel Maffessoli, Lévi-Strauss...

<sup>9</sup> Apud JUNQUEIRA, Carmen. “O poder do mito”, revista Intercâmbio, vol. VII, 1998, p. 103-111.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*.

“Tudo o que chamamos de mito, é, segundo seu parecer, algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência lingüística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação lingüística é essencialmente ambígua e, nesta ambigüidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte primeira de todos os mitos.”<sup>11</sup>

Com Mircea Eliade, o mito se refere a uma história verdadeira, que tem caráter sagrado, exemplar e significativo<sup>12</sup>.

J. Campbell leva o mito para o campo dos sonhos e das metáforas, ajudando a contextualizá-lo no mundo de Beslan:

“Como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana — que por sua vez é movida pelas energias dos órgãos do corpo que funcionam de maneiras variadas uns contra os outros, e em concerto. Ou seja, todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas.”<sup>13</sup>

Para Dan Sperber, um mito se apresenta primeiro como um discurso ordinário:

<sup>11</sup> CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972, p. 18.

<sup>12</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972, p. 7.

<sup>13</sup> CAMPBELL, J. *A extensão interior do espaço exterior*, Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 49-50.

“Para quem conhece a língua em que ele é narrado, ele não é mais difícil de parafrasear que qualquer outro relato e sua interpretação não traz à baila nenhum problema lingüístico particular. Mas esta interpretação lingüística não lhe esgota o sentido; ela constitui antes um sinal complexo, que deve constituir o objeto de uma segunda interpretação, desta vez simbólica. O sentido manifesto, e muitas vezes absurdo, de um mito, nada mais é que um instrumento da significação simbólica.”<sup>14</sup>

Já Gilbert Durand entende por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, que tende a compor-se em narrativa:

“O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias. O mito explicita um esquema ou um grupo de esquemas. Do mesmo modo que o arquétipo promovia a idéia e que o símbolo engendrava o nome, podemos dizer que o mito promove a doutrina religiosa, o sistema filosófico ou, como bem viu Bréhier, a narrativa história e lendária.”<sup>15</sup>

Para os propósitos deste trabalho, de uma abordagem incipiente da construção de mitos na narrativa mediática atual, a par dessas observações e definições, que ajudam a entender o fenômeno do mito e situá-lo na

<sup>14</sup> SPERBER, Dan. *O simbolismo em geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. p. 17.

<sup>15</sup> DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Coleção biblioteca universal). p. 62.

cobertura mediática do seqüestro e massacre de Beslan, destaca-se o estudo<sup>16</sup> do semiólogo francês Roland Barthes, a que principalmente nos reportamos para analisar as imagens e os relatos em causa. Com seu *Mitologias*, Barthes atualizava a discussão do mito no campo da semiótica, levando-a a se debruçar sobre a sociedade urbana e sobre a prática dos media. Deslocando o estudo do mito do campo restrito da etnologia e antropologia, embora sua abordagem não tivesse um sentido inaugural, destacou-se e se destaca por juntar a prática da crítica de produtos da cultura de massas a teorias que lhe dessem base e substância, numa inflexão questionadora.

No estudo citado, Barthes começa afirmando peremptoriamente que o mito é uma fala, deixando assentado, desde o início, que é um modo de significação e uma forma<sup>17</sup>. Como analisa o mito na sociedade capitalista e burguesa, completa em seguida a afirmativa: “É possível completar agora a definição semiológica do mito na sociedade burguesa: *o mito é uma fala despolitizada*”<sup>18</sup>.

Para o autor francês o mito é um *sistema semiológico segundo*, enquanto a língua, em que está embebido, é *sistema primeiro*. O que tem sentido final na língua, como signo, passa a ser significante primeiro no mito. Assim, o signo, como terceiro elemento na relação do sistema da língua, é formado pelo significante (sentido) e o significado (conceito), e, por sua vez, no sistema segundo do mito, se transforma no significante (forma), sendo

a significação o terceiro elemento que fecha a interpretação.

“Pode-se constatar, assim, que no mito existem dois sistemas semiológicos, um deles deslocado em relação ao outro: um sistema lingüístico, a língua (ou os modos de representação que lhe são comparados), que chamarei de *linguagem-objeto*, porque é a linguagem de que o mito se serve para construir o seu próprio sistema; e o próprio mito, que chamarei de *metalinguagem*, porque é uma segunda língua, *na qual* se fala da primeira.”<sup>19</sup>

Barthes também aponta que o significante é ambíguo, constituindo simultaneamente sentido e forma, pleno de um lado, vazio de outro. No processo de construção do mito, o sentido perde o seu valor, passa a ser uma forma, sendo “o esconde-esconde entre o sentido e a forma que define o mito”.

“Para dizer a verdade, o que se investe no conceito é menos o real do que um certo conhecimento do real; passando do sentido à forma, a imagem perde parte do seu saber: torna-se disponível para o saber do conceito. De fato, o saber contido no conceito mítico é um saber confuso, constituído por associações frágeis, ilimitadas. É preciso insistir sobre esse caráter aberto do conceito; não é absolutamente uma essência abstrata, purificada, mas sim uma condensação informal, instável, nebulosa, cuja unidade e coerência provêm, sobretudo, da sua função.”<sup>20</sup>

<sup>16</sup> Temos em mente, e em mãos, o seu clássico e instigador *Mitologias*, de 1957.

<sup>17</sup> BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003, p. 199.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 234.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 206.

<sup>20</sup> BARTHES, Roland, *op. cit.*, p. 210.

O mito não esconde nada, observa Barthes, antes tem como função deformar, não fazer desaparecer, sendo que a relação que une seu conceito ao sentido é essencialmente uma relação de deformação; não sendo nem uma mentira nem uma confissão, é uma inflexão. Lembra também que o mito pode transformar uma intenção histórica em natureza, uma eventualidade em eternidade<sup>21</sup>. E um dos princípios básicos do mito seria transformar a história em natureza. Exercendo a função de transformar um sentido em forma, o que para Roland Barthes é a função específica do mito, sendo sempre um roubo de linguagem.

“E, do mesmo modo que a ideologia burguesa se define pela deserção do nome burguês, o mito é constituído pela eliminação da qualidade histórica das coisas; nele, as coisas perdem a lembrança da sua produção. O mundo penetra na linguagem como uma relação dialética de atividades e atos humanos; sai do mito como um quadro harmonioso de essências. Uma prestidigitação inverteu o real, esvaziou-o de história e encheu-o de natureza, retirou às coisas o seu sentido humano, de modo a fazê-las significar uma insignificância humana. A função do mito é evocar o real: literalmente, o mito é um escoamento incessante, uma hemorragia ou, caso se prefira, uma evaporação; em suma, uma ausência perceptível.”<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*, p. 234.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 234.

### 3 O mito se propaga a partir de Beslan

O mito que se constrói em Beslan se propaga e é apreendido na cadeia de significações que funda o conceito do terrorismo, ou melhor, do combate ao terrorismo como vem sendo irradiado a partir dos Estados Unidos, erigidos potência incontestável no mundo globalizado. O mito de Beslan será por sua vez significativo para o mito do anti-terrorismo. Daí, em diversos meios se divulgaram matérias que relataram o massacre e a questão dos chechenos, em sua maioria com origem em agências noticiosas, neutralizando a história e a política, a luta emancipatória, para entronizar o terrorismo. Beslan passa a ser um mito facilitador.

Mito é crença ou resultado de uma crença para explicar algum fenômeno da natureza. O mito se liga à natureza, é o passo do homem em aproximação à natureza.

O mito cumpre função de integração à sociedade e à natureza. A violência ritualística, como se dava nas sociedades ditas primitivas, pre-colombianas, por exemplo, antes integrava o indivíduo aos valores de seu grupo e era proteção e pedido de benesses aos deuses. No mundo atual, não é muito diferente, a construção mitológica, propiciada fundamentalmente pelos media, não está muito distante da natureza do mito primitivo e de seus rituais. Os mitos de agora preparam o indivíduo para sua imersão na sociedade do mercado e do consumo, na época da globalização. E também permitiria convivência com os rituais da violência atual.

Mas antes, para iniciá-lo nesses rituais, tem que despolitizá-lo, apassivá-lo, domesticá-lo. A violência é esgrimida como terror e medos paralisantes, e o mito em

construção serve para naturalizar uma ordem de medo e sobressalto baseada no combate ao terrorismo, como em anos não tão longínquos, na Guerra Fria, se assentava no anticomunismo, atualizando uma transformação na discursividade dos media na transição para a hegemonia do capitalismo globalizado.

Como vimos, o mito é uma forma, que se apropria de signos na vida social. Em Beslan esse mecanismo funcionou, com os media se apropriando dos signos, na estrutura de língua, com seus significantes e significados, transformando-os em significantes das proposições que vêm ocupando a esfera pública globalizada a partir do 11 de Setembro, de acordo com a política e ditames dos Estados Unidos no combate ao terrorismo, hegemonizados por sua estrutura mediática, principalmente seus canais de televisão<sup>23</sup>. Assim, todas as imagens e suas significações parciais do seqüestro e do massacre como desfecho começaram a integrar narrativas que construíam o mito, misturando questões atávicas da violência e dos medos dos indivíduos atomizados, com ênfase diversas e reiterativas. Principalmente realizando relatos fragmentados, pulverizando os sentidos concretos menores, enfeixados no macrorrelato do mito maior do terrorismo e os medos e as angústias correlatas.

A imprensa enfatizava, em suas descrições fragmentárias, os elementos do terror e constrangimento que viviam as vítimas do seqüestro, misturados às apreensões e emoções dos parentes que acorreram ao local. E essa cobertura que vivia minuto a minuto uma situação de horas sem nenhum acontecimento, na expectativa de um desfecho terrível a qualquer hora, só tinha que lançar mão

<sup>23</sup> Ver nota 6.

desses ingredientes que caracterizam os relatos sensacionalistas, aqui entendidos literalmente: o que predominavam eram as sensações, amplificadas instantaneamente para o mundo, numa clave de estetização da violência. Estes eram os significantes que suportavam as formas simbólicas. Isolados, fragmentados, descontextualizados, formavam os vocábulos que se encaixavam na gramática a que o poder, discricionariamente, podia recorrer, e já o estava fazendo com a intervenção dos media. A gramática do poder e da ordem é a que vai conformar os relatos dos media, nesses acontecimentos que se desenvolvem na esfera do Estado, ou em que o Estado é um dos seus protagonistas.

A dor, o sentimento, a emoção foram extraídos de cada acontecimento, de cada episódio particular, desistorizando-os, para, através do mito, naturalizá-los, diluí-los, transformando-os em significantes dos sentimentos anti-terrorismo, anseio de ordem, funcionais ao establishment político internacional pós-11 de Setembro. Não esquecendo, com Barthes, que o mito é sempre um roubo de linguagem<sup>24</sup>.

As várias histórias particulares e pessoais foram se encaixando no relato maior, como significantes que eram enlaçados para a construção do sentido unidirecional<sup>25</sup>. O

<sup>24</sup> Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl, na "Introdução: o mito não pára", de seu *Videologias*, inspirado no *Mitologias* de Barthes, desenvolvem algumas observações sobre a televisão, usando a afirmação de Barthes de que o mito é uma fala roubada, concluindo que a TV sintetiza o mito: "Se a TV 'influencia', ela influencia exatamente na medida em que precipita o mito, que já estava lá, na fala roubada, pressuposto". BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 19.

<sup>25</sup> Com Bakhtin: "... tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia." (BAKHTIN,

fato humano e emocional, que remete perenemente a uma ancestralidade, era a base dos despachos noticiosos — além do mais, a técnica jornalística tem aí sua essência profissional e definidora: o jornalista trabalha com o fato concreto, e se houver um interesse humano permeando-o, tanto melhor. O paradoxo é que esses significantes (sentido final na língua como signo e forma inicial no plano do mito), para a construção do mito, são esvaziados de sentido, transformam-se em formas vazias, que vão ser significadas em outro sistema, para o macromito do terrorismo e do seu combate.

Esvaziados de sentido, transformados em formas significantes, os vários relatos e episódios estão prontos para se encaixarem no universo mítico dos media, que, como parte do sistema de poder, vão trabalhar a violência para impor a ordem social, circunscrita no que podemos chamar *pax americana*.

Nessa construção mitológica, ao esvaziar de suas raízes e marcas históricas e políticas os acontecimentos narrados, as imagens de Beslan ficam preparadas para a construção ideológica que está por trás das imagens/conceitos que impugnam o terrorismo. Estarão prontas e naturalizadas para o jogo ideológico que envolve as questões relacionadas ao terrorismo — permitindo que, mitificados também, os conceitos relacionados sejam apropriados e usados pelo sistema, sirvam ao jogo de poder.

A mitologização dos eventos violentos perpetrados ou não com objetivos terroristas permite também canalizá-los para o fluxo na sociedade de consumo, ao mercado das consciências.

Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995. p. 31)

Eugênio Bucci observa que o atentado às Torres Gêmeas foi um destroçamento do imaginário global<sup>26</sup>. Nessa linha de análise, podemos inferir que assistimos a uma reconstrução desse imaginário, a iniciativas que — a partir do sobressalto e desorientações iniciais, que levaram de imediato as ações para o campo repressivo, do império da lei e da ordem — agora tratam de reconstruir uma ordem ameaçada, ou de dar-lhe outra inflexão. Trata-se de ocupar mentes e corações, antecipando-se a terroristas ou aos que serão denominados como tais, pelos interesses do poder em jogo. No campo de batalha pelo imaginário, o poder se apropria das significações, ou é o árbitro delas, através dos media, e assim qualifica de terrorista qualquer ato político e de oposição que lhe incomode e ameace, e a partir dessa qualificação/desqualificação atua em consequência, de acordo com um novo ordenamento jurídico, político e cultural.

“Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos — e mais imprevisíveis — da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma “política cultural.”<sup>27</sup>

<sup>26</sup> BUCCI, Eugênio. TV, mídia e espaço público mundial na guerra dos EUA contra Bin Laden, in BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na pólis: Ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 70.

<sup>27</sup> HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo [on-



A surpresa do 11 de Setembro de 2001, em que os terroristas nada pretenderam negociar, impediu que o sistema de poder se apropriasse das significações, controlando-as, e através dos media erigisse os mitos adequados para sua neutralização e incorporação à ordem. Até porque os atentados, fulminantes, não deram tempo de se esboçar qualquer reação que não fosse defensiva no imediato. Entretanto, depois do 11 de Setembro, o establishment recuperou o terreno e a iniciativa, inclusive, nos Estados Unidos, legitimando o governo Bush, sobre cuja eleição pairavam suspeitas de fraude<sup>28</sup>.

O mito elimina o caos, domestica-o. E como os media não convivem com o caos, seu discurso busca ordenar o conflito, explicar o real, substituindo-o, narrar a realidade, recortando-a de um *continuum* histórico — a construção mítica faz parte de sua narratividade. Em torno ao 11 de Setembro o relato mítico já foi erguido, e passa a ser significante de relatos emparentados, como o de Beslan.

---

line]. O artigo constitui o capítulo 5 da obra *Media and Cultural Regulation*, da série organizada pela Open University denominada *Culture, Media and Identities*. Disponível na internet via WWW URL: [http://www.educacaoonline.pro.br/art\\_a\\_centralidade\\_da\\_cultura.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_centralidade_da_cultura.asp) Capturado em 12/11/2004 19:12:14

<sup>28</sup> Nos atentados de Madri, em 11 de março de 2004, nas primeiras horas o governo do primeiro ministro José Maria Aznar quis ligar o grupo separatista basco Eta aos atentados, visando tirar proveito político nas eleições que aconteciam no país naquela semana. Mas a população se manifestou contrariamente, não se deixando manipular, e o primeiro ministro perdeu o cargo.

## 4 Madona na capa de Veja

Na capa da revista *Veja*<sup>29</sup> dedicada ao acontecido em Beslan é todo o mito que dá as caras. A mulher parece uma madona<sup>30</sup>. A foto<sup>31</sup>, que circulou o mundo e foi usada em diversos meios impressos, é o ápice de toda a construção mítica. Borra todo o rastro da história e imobiliza o momento, e o momento é o 3 de setembro de 2004.

Depois que o leitor entra em contato com a imagem da Madona de Beslan, depois que consome esse mito transformado em símbolo, toda a significação do seqüestro e massacre se esvai em sua historicidade, naturalizando-se no emocionalismo difuso que emana dessa mãe que contempla sua filha morta. A interpretação emocional da capa e do relato que ilustra se comprova, minimamente, na seção de cartas da edição seguinte da revista. Todas as mensagens enviadas à redação por motivo da reportagem sobre Beslan se revestiram de um sentimentalismo e emocionalismo que não se despegaram do senso comum mais imediato e cotidiano. Nenhuma das mensagens transcendeu o choque emocional a que as imagens e textos quiseram levar o leitor.

“Não consigo parar de olhar a capa da edição 1870. A mãe parece ninar a filha morta. Aonde a estupidez humana nos levará?” (*Leitora de Viçosa, MG*)<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Revista *Veja*, ano 37, edição 1870, n.º 36, 8 de setembro de 2004, Reportagem Especial, São Paulo: Editora Abril.

<sup>30</sup> Em anexo ao final do texto, reproduzimos a capa referida.

<sup>31</sup> Da agência de notícias Reuters, de 3 de setembro de 2004.

<sup>32</sup> Revista *Veja*, ano 37, edição 1871, n.º 37, 15 de setembro de 2004, Seção de cartas, São Paulo: Editora Abril.

Existe diferença dessa imagem de Beslan daquela que representou, em seu tempo, os horrores da guerra do Vietnã, a menina que corria desnuda por uma estrada, com o braços abertos, sofrendo os efeitos do napalm, despejado por bombardeios norte-americanos? Talvez a diferença seja marcada pelos resquícios de história. Naquela década de 1970, o mito se construía como denúncia da guerra, havia uma ambivalência com relação à guerra, em contraste com essa atual unanimidade favorável dos media para as inflexões do poder globalizado (imperial?). A imagem atual como que caracteriza uma justificação, na esquizofrenia que marca a relação com os métodos terroristas, de nenhuma maneira alheios às práticas do poder.

Na capa de *Veja*, a legenda não deixa dúvidas: “Uma mãe russa acaricia o rosto da filha morta no ataque de terroristas chechenos e árabes que matou mais de duzentas pessoas”. A gramática não encerra as interpretações e significações: *terroristas* não é adjetivo, é substantivo em toda a sua concreção; *chechenos* e *árabes* é que são adjetivos. Foi um ataque: dá a entender que chegaram atirando, omitindo, momentaneamente talvez, que houve inabilidade nas negociações e na invasão do local pelas forças russas. Essa mãe condena alguma coisa? E a quem condenaria, aos chechenos, ou aos russos?

No rosto da mulher transparece uma dor sem esgar e lágrima, interiorizada, enfatizada pela mão levada ao pescoço, como se segurasse algo na garganta. A brancura da pele no contraste das roupas negras, e do fundo ainda mais escurecido, ressalta fragilidade. A imagem desperta os sentimentos e as emoções sem explicar nada. O mito foi construído para naturalizar uma situação, para que essa, como forma vazia dos episó-

dios concretos, possa ser veículo da expressão contingente da doutrina anti-terrorista e possa, por sua vez, canalizar os medos e ansiedades do ambiente social. A interpretação religiosa a que remete a imagem simplesmente reforça a ancestralidade mitológica. A mulher não tem nome, a filha também; não têm nome nem história. É uma mãe russa, que depois será só mãe, porque a dor também não será só dela. A construção é retórica, a foto não é tratada como simples documento.

A revista pôde ser sóbria na capa, porque as construções mediáticas daqueles dias já haviam preparado o caminho da mitificação e interpretação. Pelo menos na capa, e com essa foto esvaziada de sua historicidade e plena ideologicamente, as palavras com âncoras de sentido podiam ser usadas ao mínimo, como índices que gratificam os sentidos.

## 5 Espectacularização da violência

A exposição da violência e do terror nos media, principalmente na televisão, constrói o caminho ou a saída para a solução de força, ou até a justifica a posteriori. Constrói a face política da violência ou a violência da política. E os telespectadores se acostumam, procurando sentidos onde não há sentido, no que é exposto para dar vazão ao irracional e que quer chegar até eles através do irracional, das emoções e sentimentos, em pura indicialização do signo.

O sentido, o pensamento, não estão nestas imagens tremendas, nessa dor que vem da dor exposta. A significação maior é construída pelo poder e pelos media, que moderna e indisfarçavelmente são inseparáveis.

A construção de sentido em *Veja* fica mais patente na reportagem interna, profusamente ilustrada com imagens de Beslan, com fotos de corpos e de crianças desesperadas, e praticamente nuas, sendo resgatadas. No sumário debaixo do título “O massacre dos inocentes” (de ressonâncias cinematográficas) enumera todos os índices que integram essa visão de mundo relacionada ao terrorismo e anti-terrorismo e gerada pelo poder: “Não existe fé ou causa, por mais justa, que justifique o assassinio indiscriminado de quase 200 crianças como o perpetrado por terroristas islâmicos chechenos e árabes [novamente, *chechenos* e *árabes* são empregados como adjetivos] na semana passada em Beslan, na Rússia. A ousadia crescente e crueldade sem limites do terror são o maior desafio enfrentado pelo mundo civilizado”<sup>33</sup>.

Apesar da retórica moralista dos media, a violência é ingrediente da ordem. Quando há insurgência contra o *status quo*, e se quer mudar a ordem, a violência é empregada em uma transição para outra ordem, mas sempre ordem. Por isso, os chechenos puderam ter suas ações do seqüestro apropriadas pela ordem de Putin, porque reproduziam a mesma lógica de atuação, na mesma lógica da violência. Se os chechenos estavam sob a mesma lógica do poder que enfrentavam, e não eram hegemônicos, seus atos tiveram as significações apropriadas ou desvirtuadas. Se não eram terroristas, foram transformados em tais, para melhor serem combatidos e apresentados à opinião pública internacional, construída por meios indiferenciados das instâncias da ordem.

O mito que os media se encarregam de

<sup>33</sup> Revista *Veja*, ano 37, edição 1870, n.º 36, 8 de setembro de 2004, São Paulo: Editora Abril, p. 107.

construir modernamente é uma forma de interiorizar a violência, naturalizar a violência estatal, do poder — escamoteando seus mecanismos visíveis, através de um discurso moral, que também, tecnicamente, é escamoteado pela prática jornalística da objetividade (objetivação?). Essa construção midiática vai na linha de legitimar a violência “construtiva” a que se refere Maffesoli, para se contrapor à “destrutiva”<sup>34</sup>. Ainda no caso do seqüestro de Beslan, podemos considerar individual o uso da violência, por provir de grupo que não é hegemônico no poder, que justamente por isso luta.

## 6 Decifra-me ou te devoro

As imagens de que a modernidade é pródiga caíram, há muito, nas malhas do poder. Em Beslan, essas imagens terríveis, principalmente por envolverem crianças, deram base para as ameaças do terror, ou foram diretamente instrumentalizadas para essas ameaças, e, citando reportagem da revista *Carta Capital*, “as potências inflam e distorcem a ameaça do terror para fazer dela um instrumento de poder”<sup>35</sup>.

Além do mais, essa mesma modernidade das imagens, e dos recursos afins, de que

<sup>34</sup> “Com efeito, a violência ‘construtiva’ não é um paradoxo; ela é a expressão da fundação *social*, assim como, veremos adiante, a violência ‘destrutiva’ é a manifestação da afirmação individual. Existe uma ‘dupla ação da anomia’, uma duplicidade da dissidência, que remete ao que J. Duvignaud chama a ‘dialética viva do imaginário e do instituído.’” MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987, p.24.

<sup>35</sup> COSTA, Antonio Luiz M. C. “O império do medo”, in *Carta Capital*, n.º 309, 22 de setembro de 2004, p. 8.

os media se servem para se aproximarem de uma denominada realidade, ou mesmo construí-la, permite uma instantaneidade na cobertura que deixa os eventos ininteligíveis, e assim é necessário interpretá-los ao mesmo tempo em que são relatados. As interpretações são dadas pelos jornalistas que estão no olho do furacão; e no caso da escola de Beslan isso ficou patente, os repórteres e fotógrafos entraram na escola junto com os soldados e as equipes de resgate, entrevistando crianças traumatizadas e parentes enlouquecidos pela dor. Antes, entre o evento e sua divulgação havia algum tempo, o que propiciava uma possibilidade maior de análise e reflexão.

Na atualidade dessas imagens, inseridas nas redes de informação e nos fluxos de consumo, a busca da audiência a qualquer preço se impõe, e com isso se acelera o que é pertinente e é de bom senso transmitir. Há uma cultura que aparentemente vai se ampliando a cada transmissão mais ousada. Tragédias como as de Beslan já tiveram seus antecedentes, que prepararam os telespectadores. Assim como cenas desse massacre, por sua vez, preparam para outras tragédias, ainda mais fortes. Já que os telespectadores vão se tornando insensíveis, para cativá-los como audiência, serão necessárias mais cenas fortes — de violência e terror.

Essa violência atual, que se transforma em tragédia pela magnitude que adquire, tem um ingrediente a mais, que a amplifica e recrudescer: a cobertura dos media, principalmente a televisão. A presença da televisão inclusive distorce a compreensão do fenômeno que é narrado e tem outra incidência na matriz da violência: muitos atos violentos são planejados nos mínimos detalhes para se refletirem na tela de televisão, onde adqui-

rem sua plena realidade. Atos que existem pela e para a televisão.

Na sociedade do consumo e do espetáculo, o interesse maior reside na espetacularização de todos os temas — e a violência se presta plasticamente a essa espetacularização. Nisso, as imagens dos aviões atingindo as torres gêmeas em Nova Iorque, da guerra do Afeganistão, do Iraque, do conflito Israel-Palestina, e agora de Beslan, se transformam em símbolos que marcam o imaginário neste século e milênio que se iniciam. Assim como imagens da Segunda Guerra Mundial e do Vietnã, entre outras, forjaram o imaginário do século passado e fazem parte do álbum de figurinhas do que somos.

Valter A. Rodrigues observa que tornar espetacular tudo o que relata é estratégia privilegiada da televisão para a captura do emocional:

“Em seu noticiário, cuja função, como ‘janela para o mundo’, deveria ser predominantemente informativa (e, como tal, promotora da formação do cidadão e sua consciência), o recurso à espetacularização do acontecimento de forma a torná-lo atraente ao telespectador acaba por se sobrepor ao próprio acontecimento, reduzindo-o à forma predominante de entretenimento que, argumenta-se, corresponde aos anseios do público. Seja no tratamento do fato político ou dos fatos do cotidiano, seja nos produtos voltados exclusivamente para o entretenimento, um mesmo estilo e um mesmo formato se repetem, fazendo da televisão uma superfície sobre a qual tudo deve ser filtrado conforme alguns princípios que sujeitam sua linguagem a uma equivalência generalizada. Tornar espetacular,

impressionante, arrebatador o que quer que apresente é seu imperativo; sustentar cada telespectador em um estado de expectante excitação nervosa, na demanda de mais e mais signos para a construção das próprias referências identitárias, sua estratégia privilegiada de captura emocional.”<sup>36</sup>

Por tudo isso, a palavra, como veículo essencial de pensamento, permite fugir da unidirecionalidade do não-sentido das imagens, e principalmente das terríficas imagens de Beslan. A psicanalista e escritora Maria Rita Kehl em *Videologias*, livro que recolhe artigos seus e do jornalista Eugênio Bucci, observa que o pensamento é dispensado no funcionamento do imaginário.

“Ocorre que o tipo de produção de sentido que é próprio das imagens induz o sujeito a um modo de funcionamento psíquico que *prescinde* do pensamento. Brevemente, eu diria que isso ocorre porque o imaginário funciona segundo a lógica da realização dos desejos. Cada imagem apresentada proporciona ao espectador um microfragmento de gozo — e a cada fragmento de gozo, o pensamento cessa.”<sup>37</sup>

Para esse pensamento necessário, a indistinção entre realidade e virtualidade, em que

<sup>36</sup> RODRIGUES, Valter A. Poder e [im]potência da mídia: a alegria dos homens tristes, in BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na pólis: Ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.210.

<sup>37</sup> KEHL, Maria Rita. Televisão e violência do imaginário, in BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 89.

imagens da cultura e da vida social, produzidas e propagadas pelos *mass media*, substituem o sentido do real — com seu sentido de espetáculo e jogo de linguagem e aparência, naturalizando o histórico, como vemos, com a construção mítica — cria obstáculos e lança desafios. Nesse jogo de espelhos, as imagens se fortalecem e, como linguagem corrente, se impõem ao espaço cultural. Construídas, "reais", digitalizadas, podem transmitir mais facilmente as orientações de um poder difuso. É nessa cultura que hoje o homem se aliena, muito mais que nas relações de exploração no trabalho, muito mais que nas relações fetichizadas da mercadoria — que, de mais a mais, estão completamente subsumidas nessa cultura e vice-versa. À medida que as tecnologias informacionais se disseminam, essa comutabilidade entre imagem e realidade se aguça, e suas fronteiras se diluem completamente, com evidentes conseqüências para a vida social.

“O espetáculo é pura forma de separação: aí onde o mundo real transformou-se em imagem e onde as imagens tornam-se reais, a potência prática do homem destaca-se dela mesma e apresenta-se como um mundo em si. E na figura desse mundo separado e organizado pela mídia que as formas do Estado e da economia se interpenetram, que a economia mercantil chega a um estado de soberania absoluta e irresponsável sobre a vida social inteira.”<sup>38</sup>

Baudrillard observa que a informação devora seus próprios sentidos, devora a comu-

<sup>38</sup> Giorgio Agamben, apud SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 108.

nicação e o social; em vez de comunicar, “esgota-se na encenação da comunicação”, que em vez de produzir sentido, esgota-se na encenação do sentido. E que por trás dessa encenação os media desestruturam o real<sup>39</sup>.

Em Beslan o mitos se apropriou dos sentidos, roubados e devorados, e os media se encarregaram da encenação.

## 7 Referências bibliográficas

- BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na pólis: Ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinow). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa, Portugal: Relógio d'Água, 1991.
- BUCCI, Eugênio. “TV, mídia e espaço público mundial na guerra dos EUA contra Bin Laden”, in BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na pólis: Ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CAMPBELL, J. *A extensão interior do espaço exterior*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002 (coleção biblioteca universal)
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972.
- HALL, Stuart. “A centralidade da cultura: notas sobre as revolução culturais do nosso tempo” [online]. O artigo constitui o capítulo 5 da obra *Media and Cultural Regulation*, da série organizada pela Open University denominada *Culture, Media and Identities*. ([http://www.educacaoonline.pro.br/art\\_a\\_centralidade\\_da\\_cultura.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_centralidade_da_cultura.asp) Capturado em 12/11/2004)
- JUNQUEIRA, Carmen. “O poder do mito”, revista Intercâmbio, vol. VII, PUC/SP, 1998. (<http://lael.pucsp.br/intercambio/20/11/2004>)
- MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- RODRIGUES, Valter A. “Poder e [im]potência da mídia: a alegria dos homens tristes”, in BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na pólis: Ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SPERBER, Dan. *O simbolismo em geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

<sup>39</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa, Portugal: Relógio d'Água, 1991, p. 105.

